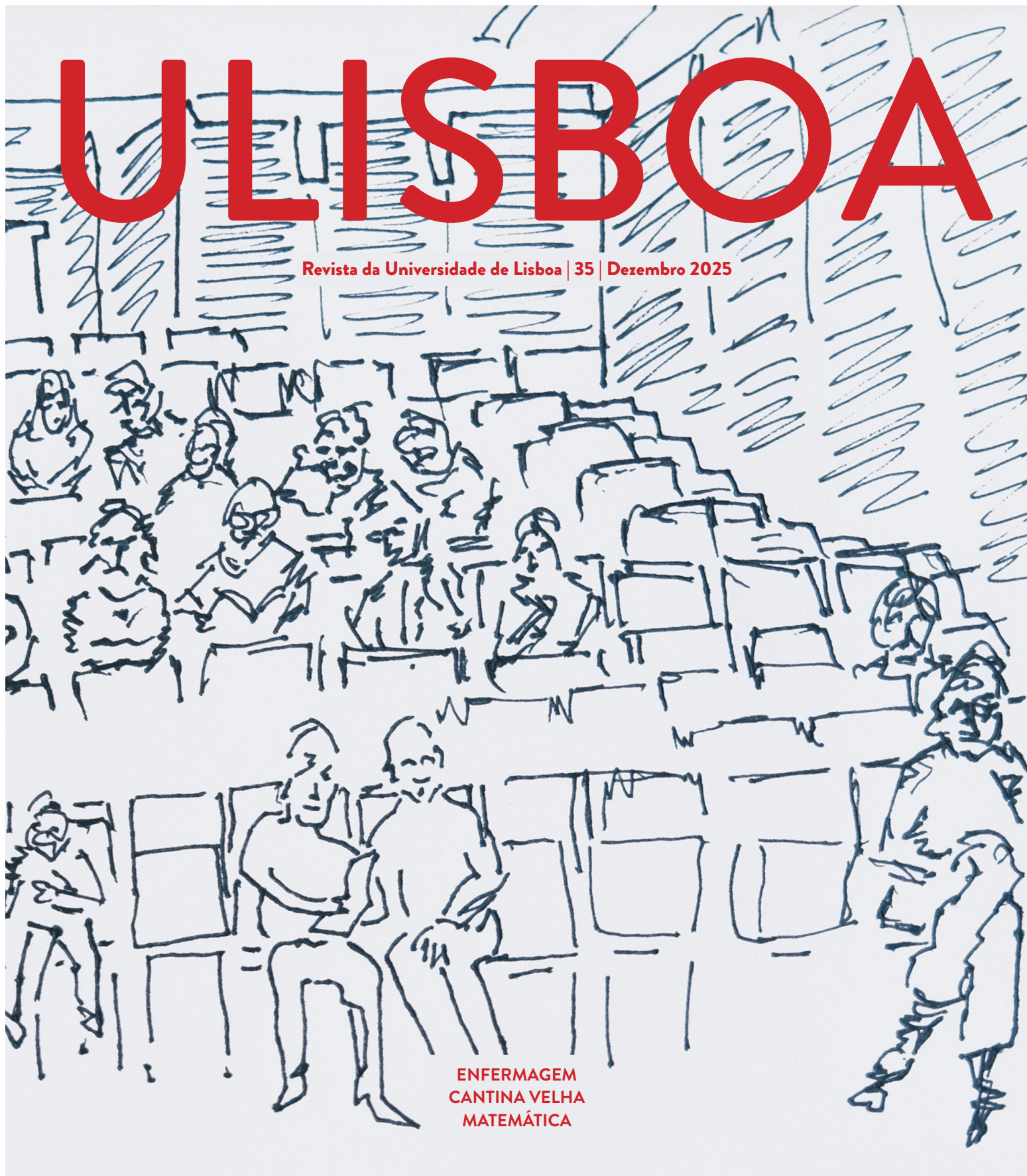


ULISBOA

Revista da Universidade de Lisboa | 35 | Dezembro 2025



ENFERMAGEM
CANTINA VELHA
MATEMÁTICA

ILLUSTRARE

Viagens da Ilustração Científica em Portugal



U
LISBOA

MUSEU NACIONAL
DE HISTÓRIA
NATURAL E
DA CIÊNCIA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



AO COMEÇAR O SEU SEGUNDO MANDATO, DEPOIS DE UMA CONFIRMAÇÃO INEQUÍVOCA, LUÍS FERREIRA, REITOR DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, DESVELA A SUA VISÃO E AS SUAS ASPIRAÇÕES PARA O FUTURO DA UNIVERSIDADE.

Além dos planos concretos, das ambições, da estratégia, o reitor revela o mais profundo desejo que o anima: que a Universidade seja o sítio preferido e ideal para todos e cada um dos que lá estão – alunos e docentes, técnicos administrativos e investigadores.

Confirmando a vitalidade da ULisboa, visitamos neste número a 19ª e mais recente Escola da nossa comunidade, a Escola Superior de Enfermagem, que há pouco passou a integrar a Universidade de Lisboa, e falamos com Patrícia Silva Pereira, a sua presidente.

Entrevistamos também Patrícia Gonçalves, matemática do Instituto Superior Técnico, *grantee* de um financiamento ERC, que nos fala da sua paixão pela matemática e do seu percurso profissional, e damos também destaque a Paula Moura Pinheiro, antiga aluna na ULisboa, figura central do jornalismo cultural no nosso país.

Uma universidade é também feita de locais, de edifícios, e das pessoas que dão vida a esses sítios. Neste número da Revista ULisboa visitamos a Cantina Velha, um dos edifícios emblemáticos da Universidade, notável pela sua arquitetura, pelo seu papel na vida da Universidade, e pelas memórias que encerra.

E nas rubricas habituais da Revista, Cristina Espadinha, pró-reitora para a Inclusão, dá-nos a conhecer as suas «4 Coisas», Máximo Ferreira, antigo aluno da ULisboa e colaborador do MUHNAC, fala-nos «Sobre» o Céu, e Alexandra Assis Rosa, da Faculdade de Letras, sugere-nos *A Leitora Incomum*, de Alan Bennett.

ÍNDICE

1 - 2

Editorial
Índice

3

Notícias

6 - 7

Sobre
O Céu
MÁXIMO FERREIRA

4 Coisas
Cristina Espadinha

8

Luís Ferreira



14

Cantina Velha: palco e
mesa de gerações



18

Patrícia Gonçalves



24

Enfermagem na ULisboa



28

E assim sucessivamente
Paula Moura Pinheiro



32

Quem lê por último
Alexandra Assis Rosa lê
A Leitora Incomum



Edição e propriedade | Universidade
de Lisboa • Departamento de Arquivo,
Documentação e Publicações

Diretor | Henrique Leitão

Direção executiva e produção | Ana Silva Rigueiro

Redação e comunicação | Ana Luísa Valdeira
Gonçalo Gomes • Helena Carneiro

Fotografias | Ana Luísa Valdeira

Capa e contracapa | Desenhos de António Sobral
In memoriam António Sobral (1963-2025)

Design gráfico | Ana Luísa Valdeira

Impressão | Lidergraf – Sustainable Printing

Tiragem | 10 000 exemplares

Periodicidade | março, maio, outubro e dezembro

Assinaturas e distribuição
imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Depósito legal | 418564/16

ISSN | 2183-8844

Contactos gerais
Imprensa da Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade - Cidade Universitária
1649-004 Lisboa • Portugal
Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 519 752
E-mail: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Distribuição Gratuita

UI
**IMPRESA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA**



© Duarte Pinheiro

PerCursos Singulares

Com o objetivo de se afirmar como um espaço verdadeiramente inclusivo, a Universidade de Lisboa criou um programa educativo, científico e cultural que promove uma abordagem inovadora e inclusiva ao ensino superior. De nome PerCursos Singulares, esta iniciativa pretende abrir as portas da academia a pessoas com dificuldades intelectuais e psicossociais com mais de 16 anos.

Com candidaturas abertas até final de outubro, foram selecionados 14 estudantes para inaugurarem a primeira edição do programa. No início de novembro foram recebidos numa sessão de apresentação na Reitoria da ULisboa Bernardo, Francisco, Frederico, Gustavo, Henrique, João M., João A., Lucas, Luiza, Matilde, Manuel, Nabil, Tiago e Vera, que irão frequentar Oficinas de Escrita e *Workshops* de Comunicação, concebidos para consolidar competências transversais que servirão de base ao longo dos diferentes PerCursos Singulares. Em paralelo, com o apoio de mentores e da Associação Académica da Universidade de Lisboa, aproximar-se-ão do meio universitário com visitas ao *campus*, dinâmicas de grupo e atividades de integração. Estes serão os primeiros passos num caminho desenhado à medida de cada estudante, que escolhe, numa das quatro grandes áreas que compõem o programa – Ciências Exatas e da Engenharia, Ciências

da Vida e da Saúde, Ciências Naturais e do Ambiente, e Artes, Humanidades e Ciências Sociais –, unidades curriculares isoladas do plano de estudos de diferentes licenciaturas das 19 Escolas da ULisboa para frequentar.

Joana Soares, coordenadora do programa, afirma que «é necessário acreditarmos que a Universidade é para todos e que a diversidade pode fazer a diferença. E que cada pessoa, independentemente da sua dificuldade, tem potencial, só temos que explorar, só temos que abrir possibilidades, abrir portas».

Além da formação académica, este programa reconhece também a importância de proporcionar aos estudantes experiências práticas, integrando modalidades de imersão no mundo profissional e comunitário ajustadas às necessidades, capacidades e interesses de cada participante, nomeadamente estágios, experiências de trabalho de curta duração e voluntariado. Assentes numa estrutura flexível e personalizada, os PerCursos Singulares não conferem grau académico e não exigem requisitos prévios.

Para Cristina Espadinha, pró-reitora da Universidade de Lisboa, esta iniciativa «é a divulgação pública do compromisso de encontrar recursos para dar resposta a todos os nossos estudantes».

Mais informações em www.ulisboa.pt/info/percursos-singulares



Nuno Araújo, Tom Ellis (ICL) e João Mano (UAveiro) © Projeto RODIN

Faculdade de Ciências participa em projeto vencedor de uma ERC Synergy Grant

De nome RODIN – inspirado no escultor francês –, o projeto que venceu esta bolsa do Conselho Europeu de Investigação, no valor de 10 milhões de euros, tem como objetivo compreender como as células remodelam, física e biologicamente, o seu meio envolvente e usar esse conhecimento para criar biomateriais mais eficientes e mais próximos dos sistemas vivos. Propõe, assim, uma alteração radical na forma de encarar a engenharia de tecidos e a medicina regenerativa. Vem daqui a ligação com a escultura, visto que o projeto pretende testar a capacidade de as células se tornarem arquitetas da vida através de plataformas vivas. Nas palavras dos investigadores, «pretendemos compreender como as células moldam o seu meio e utilizar esse conhecimento para criar novos biomateriais e aplicações médicas que possam transformar a forma como se tratam doenças ou como os tecidos humanos são regenerados».

O físico Nuno Araújo lidera a investigação pela Faculdade de Ciências neste projeto em parceria com a Universidade de Aveiro e o Imperial College London, e que será desenvolvido durante seis anos.



© Susana Ribeiro Martins

Jardim Botânico Tropical: 120 Anos

A 25 de janeiro o Jardim Botânico Tropical celebrou 120 anos com um programa que incluiu várias atividades gratuitas, orientadas por especialistas do Jardim e do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. A manhã foi composta por visitas orientadas:



© Ana Luísa Valdeira

José Manuel Simões Prémio Fórum Turismo

O professor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território e investigador do Centro de Estudos Geográficos (CEG) foi homenageado com o Prémio Fórum Turismo, atribuído pelos Hospitality Education Awards 2025, que reconheceu o seu percurso e contributo para a formação superior no setor do turismo em Portugal.

José Manuel Simões fundou e coordenou o TERRITUR – Turismo, Património e Território, o grupo de investigação do CEG que desenvolve investigação crítica e aplicada sobre o turismo na sua relação com as mudanças sociais, os patrimónios natural e cultural, e enquanto fator de transformação das paisagens e dos territórios. Fundou também o primeiro, e até à data único, doutoramento em turismo na ULisboa, um programa do IGOT em colaboração com a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

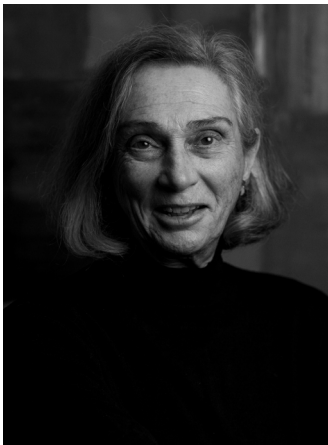
Os Hospitality Education Awards destacam a excelência, o talento e a inovação na área da formação em turismo. A iniciativa é organizada pela Associação Fórum Turismo, com o apoio do Turismo de Portugal, da Associação Nacional de Escolas Profissionais, do Instituto de Emprego e Formação Profissional e da Rede de Instituições Públicas do Ensino Superior com cursos na área do Turismo.

- As Plantas do Jardim. Exploração das espécies emblemáticas e curiosidades botânicas;
- História dos Jardins Botânicos. Uma conversa sobre a importância dos jardins botânicos caminhando pelo jardim;
- A História do Jardim Botânico Tropical.

Pela tarde houve:

- Conversas informais e Memórias do Jardim, em que antigos trabalhadores, investigadores, jardineiros e visitantes partilharam histórias e memórias do jardim;
- Sessão Comemorativa dos 120 Anos, com Luís Ferreira, reitor da Universidade de Lisboa;
- Histórias Tropicais. Gincana para reconhecimento das plantas mais emblemáticas e suas histórias.

Durante todo o dia esteve patente a exposição fotográfica «120 Anos em Imagens».



© Pau Storch



© Daniel Pedrogam

Patricia Couto e Ricardo Gil Soeiro FLUL com vencedores de prémios em tradução e poesia

Patricia Couto venceu o Grande Prémio de Tradução Literária Francisco de Magalhães 2025, com a tradução de *Max Havelaar*, obra de língua neerlandesa do autor Multatuli (pseudónimo de Eduard Dowes Dekker). Publicada pela chancela Penguin Clássicos, esta obra de 1860 testemunha a violência da ocupação colonialista da Indonésia, então Índias Orientais Holandesas, pela Holanda.

O júri deste prémio, atribuído anualmente pela Associação Portuguesa de Tradutores, com o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Autores, reconheceu o rigor, a qualidade literária e a relevância cultural do trabalho da tradutora.

Patricia Couto é atualmente investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, instituição onde foi professora de Língua e Cultura Neerlandesas.

Ricardo Gil Soeiro venceu este ano o Prémio Candango de Literatura, na categoria Melhor Livro de Poesia, pela obra *Lições da Miragem*, publicada pela Assírio & Alvim. O professor do departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras e investigador do Centro de Estudos Comparatistas tem já uma vasta obra publicada na área da poesia e do ensaio, tendo em 2010 sido galardoado com o Prémio Primeira Obra do P.E.N. Clube Português.

Esta foi a 2.ª edição do Prémio Candango de Literatura, um galardão literário brasileiro promovido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal e pelo Instituto Cultural Casa de Autores, que pretende destacar anualmente a excelência literária no espaço lusófono. A cerimónia decorreu em Brasília, com autores de 18 países.



Instituto Superior Técnico vence Prémios Regiostars 2025

AGEO – Plataforma Atlântica para a Gestão dos Riscos Geológicos é o nome do projeto europeu liderado pelo IST que venceu os Prémios Regiostars 2025 na categoria «Uma Europa Verde» e de Prémio do Público.

Rui Carrilho Gomes, professor do IST e investigador no Instituto de Investigação e Inovação em Engenharia Civil para a Sustentabilidade (CERis), coordena o consórcio de 13 parceiros de Portugal, Espanha, França, Irlanda e Reino Unido responsável por este projeto que promove a colaboração entre cientistas, decisores políticos e comunidades locais através de uma aplicação móvel que permite emitir alertas, aceder a informação sobre eventos e consultar conteúdos educativos sobre riscos geológicos nas regiões atlânticas, incluindo deslizamentos de terras, atividade sísmica, inundações e erosão costeira. Entre os resultados do projeto estão cinco observatórios piloto para cidadãos, que envolvem as comunidades locais na recolha e partilha de dados sobre riscos geológicos. Os observatórios funcionam assim como instrumentos de monitorização e de apoio a sistemas de alerta precoce.

Os Prémios Regiostars foram criados pela Comissão Europeia e distinguem anualmente os melhores projetos financiados por fundos europeus mediante o seu contributo para o desenvolvimento regional sustentável e para a coesão territorial.

O CÉU

Máximo Ferreira *



O L HAR O CÉU | É frequente interrogarmo-nos sobre o que pensariam os humanos pré-históricos ao olharem o céu salpicado de pontos luminosos, ou esperando o regresso da luz e do misterioso calor que o Sol lhes proporcionava. Este espetáculo regular ocorria por sobre as suas cabeças, em regiões inacessíveis, de onde lhes parecia saírem as estrelas cadentes, os relâmpagos e os trovões, a chuva e os ventos e, mais raramente, os eclipses. Tais acontecimentos seriam atribuídos a forças sobrenaturais e ocultas, quase sempre mensagens de catástrofes e outras desgraças. Terão decorrido muitos séculos até a curiosidade humana despertar para as tentativas de ir desvendando causas naturais em alguns dos fenómenos observados, conduzindo à transição do pavor causado a uma tranquila convivência com algumas das expressões da natureza.

LER O CÉU | Terá sido na Mesopotâmia – extenso vale entre os rios Tigre e Eufrates, onde se situa grande parte do atual Iraque – que a curiosidade humana mais despertou a vontade de conhecer as razões de acontecimentos celestes: representações imaginadas pelas posições relativas de estrelas e lendas associadas a cada uma delas, o movimento conjunto da esfera celeste de oriente para ocidente, uma posição do céu que não se movia, a repetição do aspeto do firmamento ao fim de um período a que seria dado o nome «ano», astros errantes (planetas) por entre as estrelas fixas, retrogradações dos astros errantes, eclipses do Sol e da Lua motivavam persistentes observações e registos, de que resultariam evidências de repetições periódicas de alguns desses fenómenos.

Aos poucos, diminuiria o misticismo associado à maioria dos acontecimentos celestes, em particular nas classes mais letradas. A corrente filosófica iniciada na Grécia Antiga, baseada na convicção de que «os sentidos podiam enganar e que a verdade só era

alcançável pela razão», estender-se-ia também à astronomia, conduzindo a um progressivo afastamento de interpretações astrológicas dos fenómenos celestes. O racionalismo grego acabaria por conduzir ao estabelecimento do mais perfeito modelo geocêntrico do mundo, na conceção de Cláudio Ptolomeu (90-168), suportado por um considerável número de círculos sobre círculos (as trajetórias dos planetas) e que constituiria – quase mil e quinhentos anos depois – a fonte sobre a qual se haveria de debruçar Nicolau Copérnico (1473-1543) e, em consequência, destronar a Terra do centro do mundo, colocando no seu lugar o Sol, em torno do qual girariam todos os planetas.

COMPREENDER O CÉU | Com a afirmação do heliocentrismo de Copérnico – confirmado pelas observações de Galileu (1564-1642), que havia produzido pequenas lunetas para ver «mais próximos» os astros distantes – iniciava-se a Astronomia Moderna. Desenvolve-se e adapta-se a matemática e a física à interpretação de movimentos dos astros e à previsão de acontecimentos a eles associados.

Decorrem alguns séculos de progressos na ciência e na tecnologia, colocam-se em funcionamento (em terra e no espaço) potentes telescópios, identificam-se características de astros próximos, descobre-se uma infinidade de objetos celestes para lá do firmamento e mesmo para além da pequena cidade estelar em que o Sol está incluído – a galáxia Via Láctea. A descoberta das galáxias, no final da segunda década do século passado, deu aos astrónomos a possibilidade de anunciarem mais uma razão de humildade para os humanos que, retirados do centro do sistema solar e, depois, atirados para um dos braços da Via Láctea, reconheciam agora a existência de milhões de galáxias idênticas à nossa, preenchendo um universo sem centro, quase vazio e... em expansão!

CRISTINA ESPADINHA *



IGUALDADE

Se me perguntarem: «Vamos jantar fora?», se me agrada a companhia, olho para a agenda e respondo, pois tenho mais atividades para encaixar do que espaços livres.

Mas...

Há quem tenha de pensar qual o dia do mês, pois há meses com dias a mais...

Há quem tenha de pensar: «Como posso ir lá ter?», pois há mais degraus do que rampas...

Há quem tenha de esperar pela resposta da outra pessoa, pois há quem não possa ir sozinho...

Há quem tenha de esperar eternamente pelo convite...

Quando será que podemos apenas ir jantar fora só porque sim?



DIVERSIDADE

Na minha cabeça continuo na adolescência a pensar que vou mudar o mundo e com um mundo para crescer. E ainda hoje, aprendo e aprendo tanto com as pessoas que cruzam o meu caminho... Muitos são estudantes, seres que querem aprender uma profissão, ganhar conhecimento. Outros apenas querem receitas. Digo sempre que não dou receitas, mas hoje vou desafiar-me a dar uma receita: procura as pessoas mais diferentes de ti, partilha com elas o teu ser, procura a sua essência e vais perceber o teu crescimento. Sim, eu todos os dias sou mais rica, pois tenho tido o privilégio de conhecer pessoas com capacidades, culturas, ideologias, expressões e sentimentos diversos, e isso torna-me gigante!



EQUIDADE

Ser justo é ver pelo umbigo do outro. O umbigo é um dos órgãos que tem ganhado protagonismo na evolução do ser humano (não é um facto científico, mas merecia ser investigado). Os umbigos também têm problemas graves de visão, tapam as vistas às vísceras da empatia, do respeito, da compreensão. A Universidade tem de ser um espaço onde a equidade se vive, se pratica, se projeta. Se ficaram baralhados com os conceitos, perguntem à IA o que se passa!



ACESSIBILIDADE

Acessibilidade é «permitir que todos os indivíduos se desenvolvam enquanto pessoas». Pensar que as nossas atitudes e ações podem limitar as pessoas à nossa volta, e até «os nossos», é algo que nos devia definir. Todos os indivíduos têm direito a usufruir da sociedade, e muitas vezes não está apenas nas mãos dos governos e das leis fazer isto acontecer, está também nas nossas mãos.

Quando pensamos em nós, nas nossas pessoas, nas outras pessoas, na riqueza da diversidade de capacidades, pensamentos, culturas, começamos a mudar as nossas atitudes, e não estacionamos em cima do passeio ou em segunda fila só porque nos dá jeito.



Luís Ferreira

A sua reeleição para reitor da Universidade de Lisboa motivou uma nova conversa sobre o mandato passado e os desafios para o futuro da comunidade ULisboa. Afirmo o seu compromisso com o sucesso dos estudantes, com o bem-estar dos funcionários, e com uma investigação de excelência, capaz de garantir a ciência fundamental, feita simplesmente pelo prazer de saber, valorizando o conhecimento pelo conhecimento, a curiosidade, as ideias imprevistas, como um motor silencioso das maiores transformações humanas.

Fotografias © Ana Luísa Valdeira

ULISBOA Começamos pelo seu mandato anterior. Qual foi a maior dificuldade que teve de enfrentar?

LUÍS FERREIRA A maior dificuldade foi lidar com outras instituições públicas de que dependemos. Estou a falar da Câmara Municipal de Lisboa, onde os licenciamentos foram muito difíceis de obter, da ESTAMO – Participações Imobiliárias, S.A., com a qual temos coisas por resolver desde o primeiro dia do primeiro mandato. É terrível trabalhar com instituições que têm dificuldades próprias, isto não tem que ver com as pessoas que lá estão, mas sim com todo o sistema. É verdade que as coisas relacionadas com o PRR têm avançado rapidamente, mas as nossas licenças demoram dois anos para serem adquiridas. Quando queremos construir uma residência e andamos para trás e para diante porque uma janela não está bem, torna-se arrasador para quem não tiver resistência para aguentar isto. Ainda temos residências a acabar, era bom que já estivessem feitas. Tivemos outras dificuldades, quer com o Ministério da Educação anterior quer com o atual, algumas dificuldades em compreendermo-nos e em termos um diálogo realmente construtivo em diversas matérias.

ULISBOA E qual a coisa de que mais se orgulha?

LF A fantástica relação com os estudantes e as suas associações. Reunimos imensas vezes. Foram trazidas muitas propostas e tentámos, em conjunto, encontrar as soluções.

A relação que tive com os diretores das Escolas foi imaculada, reunimos todos os meses. É sempre um momento de construção quando seria expectável que pudesse ser tenso. Também o equilíbrio que conseguimos entre a diversidade das Escolas e a identidade da Universidade é algo que muito me orgulha, é muito importante que hoje digam, em primeiro lugar, que são da Universidade de Lisboa.

ULISBOA Como deve ser feita a ligação entre a Universidade e a sociedade?

LF A Universidade deve estar profundamente enraizada, desde logo, na sua cidade e no país. Vivemos, em primeiro lugar, para dar resposta aos anseios e necessidades da comunidade, mas olhamos e projetamos o mundo. É por isso que temos muitos alunos internacionais, não apenas aqueles que detêm o estatuto de estudante internacional, mas também estudantes estrangeiros. Esses e os estudantes Erasmus são cerca de 12 mil oriundos de mais de 100 países. É importante o que fazemos na Universidade, não só no domínio da ciência, mas também nos aspetos éticos, da confraternização, do convívio, do entendimento de um mundo que é de todos. A qualidade da investigação que fazemos também importa e tem aplicações locais e pelo mundo fora.

ULISBOA Após estes anos ligado à Universidade, como olha para o estado do ensino superior no país?

LF Acho que o país fez um percurso extraordinário. Quando olhamos para o número de alunos que tínhamos

«O equilíbrio que conseguimos entre a diversidade das Escolas e a identidade da Universidade é algo que muito me orgulha, é muito importante que hoje digam, em primeiro lugar, que são da Universidade de Lisboa.»

em 1975 em comparação com o número que temos hoje; para o rácio entre alunos potenciais em 1975 e os que temos agora; quando olhamos para a evolução da ciência – não havia ciência, havia uns projetos isolados –, constatamos que, hoje, temos uma ciência enraizada, com a noção de que temos de criar conhecimento. É outro mundo. Mariano Gago teve uma importância crucial, há um antes e depois. Ao nível do processo de ensino, que vem evoluindo naturalmente, mas que não tem nada a ver com aquilo que era há uns tempos, houve grandes transformações. Apesar de os aspetos digitais nos afastarem, há uma maior humanização na relação entre o professor e o estudante. Há uma maior colaboração entre os próprios estudantes, quando antes havia mais competição que, em certa medida é importante e saudável, mas a colaboração tem que caminhar ao seu lado e ser superior. Acho que o país se pode orgulhar das suas universidades.

ULISBOA O Pavilhão de Portugal foi inaugurado há pouco tempo. Que desafios e oportunidades podemos esperar para a Universidade e para o país?

LF Era um edifício que estava abandonado há 25 anos, num estado de degradação muito avançado. Recuperámo-lo com alguma dificuldade porque não tivemos nenhum financiamento, foi necessário vender a antiga reitoria da Universidade Técnica. Acho que nos podemos orgulhar da requalificação, devolvemos o Pavilhão à cidade e ao país. Queremos fazer dele uma montra da Universidade de Lisboa, é um sítio muito visitado por portugueses e estrangeiros e central na cidade. Não vamos fazer pequenos laboratórios nem salas de aula, mas sim cocriação, trabalhar em conjunto com a comunidade que nos visita e procura a Universidade. Estamos a pensar nas exposições, mas também num grande centro de congressos. Vamos querer ter atividades para todas as idades, onde todos possam sentir que fazem parte da comunidade e onde possamos criar as condições para estarmos abertos às sugestões que nos queiram fazer para a transformação daquele espaço. Queremos que seja usu-

fruído por todos. Temos, por exemplo, uma sala de estudo a funcionar 24 horas por dia, 365 dias por ano, sempre cheia. Os estudantes queixam-se de que é pequena e isso diz tudo. O Pavilhão de Portugal é para todos os estudantes, tal como o Caleidoscópio. Temos ainda o Centro Interpretativo do Parque das Nações e a Biblioteca António Mega Ferreira, com o espólio do próprio, doado à Câmara Municipal de Lisboa. Isto demonstra que estamos a trabalhar com a sociedade.

ULISBOA Precisamos de mais espaços para os estudantes?

LF Já os estamos a fazer. Adjudicámos um projeto para mais um espaço de estudo, a funcionar 24 horas por dia, no TTC [Centro de Transferência de Tecnologia e Valorização do Conhecimento], que irá incluir um centro de inovação pedagógica. Decidimos não renovar o contrato a uma empresa internacional porque necessitávamos daquele espaço. Entre uma renda – que é muito importante porque as receitas de que a Universidade dispõe são escassas, não vendemos outra coisa que não os espaços – ou ter um espaço para os estudantes, não temos nenhuma dúvida pelo que optamos.

ULISBOA Na sua tomada de posse, criticou a extinção da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e referiu como um dos pontos do seu programa de ação «a investigação de excelência». Esta ambição é compatível com as recentes medidas do governo para a ciência?

LF Vejo um risco grande em misturar duas instituições que têm visões diferentes da ciência. Uma olha para a ciência apenas do ponto de vista da sua aplicação imediata, e nós olhamos para a ciência de uma forma muito abrangente, desde logo a ciência sobre a qual desconhecemos a sua utilidade, mas que é tão interessante que merece ser estudada. Um exemplo: o Vítor Cardoso estuda buracos negros; para que serve isso? Aquilo está a milhões de anos-luz de distância. Não faço ideia para que serve, mas queremos entender o que andamos a fazer no mundo, de onde viemos e para onde vamos. Não tem nenhu-

ma aplicação, mas vale a pena continuar a trabalhar nisso. Quando pomos isto num sistema que olha só para inovação de aplicação imediata em contraste com projetos com aplicação a longo prazo ou sem aplicação, o que vai acontecer? Tudo isto a ser tutelado por três ministros: o ministro da Economia, o das Finanças e o nosso. Tudo o que implique mais do que um ministro dificulta. A autonomia das universidades está na Constituição, mas é constantemente coartada na Lei do Orçamento do Estado, quando o Ministério das Finanças coloca lá uns artigos que nos impedem de fazer coisas. Só consigo ver problemas numa tutela triministerial. Há um problema em conciliar um curto espaço de tempo e a ciência pela ciência. A maior parte do que fazemos nas humanidades e nas ciências sociais não tem impacto económico imediato, serve para fazer políticas públicas a longo prazo, e nem sempre. Num processo em que a componente de aplicação rápida e económica passa para cima de tudo o resto, o que vai ser dessa investigação e dessa ciência? Não acredito que vá correr tudo mal, estas instituições têm uma tradição enorme e há resistência, acaba por não ser o melhor, mas também não se cai no pessimismo absoluto. Não acho que vá acontecer uma desgraça, mas podíamos ter alguma coisa mais facilitadora em lugar de uma estrutura que vai criar problemas. Não é assim que o resto do mundo olha para a ciência; a União Europeia tem um organismo de investigação aplicada, com linhas próprias. Os países que aplicaram este sistema imediato e de organismo único, a Inglaterra, por exemplo, não estão satisfeitos.

ULISBOA Como reitor, quer uma universidade comprometida com os grandes problemas da atualidade. Que problemas são e como pode a Universidade de Lisboa contribuir para a sua resolução?

LF São muitos! Os problemas de natureza climática, a inteligência artificial, os conflitos geopolíticos e os grandes problemas sociais no país e no mundo, sobretudo o desenvolvimento de movimentos radicais que colocam a democracia em perigo. São tudo áreas em que existe investigação e divulgação na Universidade. São áreas importantes porque ameaçam o planeta, as comunidades, a paz entre os povos e o progresso das sociedades. A universidade tem de estar enraizada nestes problemas reais, a começar na própria cidade. Os nossos investigadores estão permanentemente a contribuir para o estudo da mobilidade ou da eficiência energética. E podem contribuir para estas questões a nível local, que mais tarde terão impacto nacional e mundial. Temos novos cursos que acompanham as preocupações atuais: Saúde Planetária, Sustentabilidade, Alterações Climáticas. Estamos também a criar disciplinas de empreendedorismo para quem quer criar coisas importantes para a comunidade. Há 50 anos, as pessoas queriam estudar e tirar um curso superior para não ter de trabalhar como os pais. A ideia dos pais era a de que se o filho estudasse não tinha de cavar batatas como eles. E a razão do filho era arranjar um emprego no Estado, das nove às cinco. Não havia a ideia de se transformar o país, de se criar empregos e riqueza. E hoje já existe esta ideia, aplicada a todas as áreas do conhecimento.

ULISBOA A Universidade de Lisboa é uma instituição de ensino e ciência. É por isso que falamos sempre dos estudantes, professores e investigadores. No entanto, os serviços centrais da Universidade, as 19 Escolas, o Estádio Universitário, os museus e jardins, e todas as unidades científicas e culturais da Universidade não funcionariam sem os mais de 2300 trabalhadores técnicos e administrativos. O que tem sido feito em prol destes funcionários?

«Temos muitos alunos internacionais, não apenas aqueles que detêm o estatuto de estudante internacional, mas também estudantes estrangeiros. Esses e os estudantes Erasmus são cerca de 12 mil oriundos de mais de 100 países. É importante o que fazemos na Universidade, não só no domínio da ciência, mas também nos aspetos éticos, da confraternização, do convívio, do entendimento de um mundo que é de todos.»

«Nós olhamos para a ciência de uma forma muito abrangente, desde logo a ciência sobre a qual desconhecemos a sua utilidade, mas que é tão interessante que merece ser estudada.»

LF Não é verdade que seja um setor invisível. Posso dar-lhe o meu exemplo como reitor. Faço questão de que todos os trabalhadores da reitoria venham ao meu gabinete, quando tomam posse, para lhes dar as boas-vindas pessoalmente. Faço questão também de melhorar o ambiente, à medida que temos disponibilidade para o fazer. Ainda agora contratei uma designer de interiores para que a reitoria seja um espaço que as pessoas queiram ocupar, mais agradável e sociável, colocando uma mesa de matraquilhos, ou uma mesa de ping-pong. O bar também vai reabrir, agora com melhores condições. Tudo isto são espaços importantes. Nunca olhei para as pessoas que estão no bar e pensei: «Estes funcionários não estão a trabalhar.» Olho sempre para estes espaços e penso: «Aqui está um sítio bom para se estar a falar do serviço.» As pessoas podem falar sobre trabalho enquanto tomam café, num ambiente que não é a sua secretária. Essas conversas são muito importantes porque se dão num ambiente mais descontraído. Quero, em cada esquina, mesas, sofás e máquinas de café gratuitas. Também tenho falado sobre isto com os diretores das várias Escolas. À semelhança do que estamos a fazer com as salas de estudo para os estudantes, temos de criar ambientes acolhedores para os funcionários. Outra coisa que tento incutir aos dirigentes é a aposta na formação profissional das suas equipas. Mesmo que isso dificulte a permanência de alguns trabalhadores, sobretudo na área da informática. Se a formação é boa para cada um deles, então é boa para o país. Se isto os valoriza, lhes dá mais instrumentos e vontade de trabalhar, então ótimo, apostemos nisso. Isto também é uma responsabilidade da Universidade. Não é só formar alunos. Acabámos de ter uma formação pedagógica só para trabalhadores técnicos e administrativos a nível nacional. Mesmo a nível pedagógico, a formação não é só para os professores. Tivemos o Salão Nobre completamente cheio, vieram pessoas de todo o país.

ULISBOA Que prioridades define para os próximos quatro anos?

LF As prioridades são as mesmas de sempre. Não há novidades. Temos de acabar as residências que estão em construção. Temos as residências 2 e 3 na Cidade Universitária que nos vão dar mais 600 camas. Temos a da Avenida das Forças Armadas com mais 300 camas. E temos a da vivenda que era da Faculdade de Letras com mais 107 camas. Estamos ainda a fazer um programa preliminar para algumas residências de professores e investigadores, ou outras pessoas que venham fazer investigação por curtos períodos de tempo. Um professor auxiliar da Covilhã ganha o mesmo que um professor auxiliar de Lisboa. Se o professor da Covilhã quiser vir para a Universidade de Lisboa, vai gastar o seu salário na renda. Por isso, precisamos de contrariar esta situação e, de alguma maneira, servir de tampão às rendas. Quando fazemos residências de estudantes, não só os estamos a ajudar, como também fazemos baixar os preços, mexendo um pouco no mercado. A outra prioridade importante é usar o dinheiro do PRR para o nosso programa em inovação pedagógica. É um projeto imenso com centenas de cursos. Isto faz toda a diferença na vida de estudantes, professores e trabalhadores técnicos e administrativos que trabalham nesta área. Assim que terminar o financiamento do PRR, será necessário garantir que este programa continue. Também estamos a apostar muito na inovação. Cada vez mais é importante fomentar o espírito de quem quer transformar a vida dos outros e não de quem quer apenas ser trabalhador por conta de outrem. Já estamos a fazer um percurso nesta área. A Universidade de Lisboa é a mais empreendedora de Portugal e a 32.^a mais empreendedora da Europa. O nosso sistema empreendedor é muito elevado. Os nossos alunos criaram uma riqueza de 24 mil milhões de euros, a partir das empresas que fundaram cá e pelo mundo fora. Na investigação, estamos a usar os Colégios como alavancas e vamos, em princípio, criar mais um, de modo a continuarmos a juntar as pessoas e a pô-las a trabalhar em conjunto. É preciso quebrar as barreiras entre Escolas. A ciência é



cada vez mais interdisciplinar e transdisciplinar. Temos por isso de garantir que os nossos investigadores possam concorrer a projetos competitivos a nível nacional e internacional. As nossas bolsas ERC já estão a subir. Fizemos formação específica para estas bolsas e cursos para os trabalhadores técnicos e administrativos que estão nos gabinetes de projeto a ajudar os investigadores a preparar a suas candidaturas. Pretendemos ainda manter a nossa oferta cultural, exceto a do Pavilhão de Portugal, que vamos aumentar. Fazemos imensas exposições todos os anos no Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Nos anos anteriores, tivemos 20 concertos anuais na Aula Magna. Vamos tentar manter este ritmo e garantir que outros projetos continuem, como o FATAL, as conversas «Pensar a Dois Tempos», promovidas pelo Gonçalo M. Tavares, as Alumnights, entre tantas outras.

ULISBOA Disse-nos que o que temos de mais escasso é o tempo. Como o devemos gastar?

LF As pessoas gastam o tempo como quiserem, mas para mim é simples: gasto-o a olhar para o que os outros precisam e em como posso ajudar. Quero facilitar a vida aos estudantes e permitir que tenham imenso sucesso. Quero que saiam daqui a dizer: «Foi fantástico ser aluno da Universidade de Lisboa, foi lá que transformei a minha vida.» Quero que os professores sintam que estão no sítio certo. E quero que os trabalhadores técnicos e administrativos não troquem isto por nada e digam: «É aqui mesmo que quero estar porque aqui faço a diferença na vida dos outros. Podia ter ficado em casa hoje, tenho teletrabalho, mas vou para lá porque tenho umas coisas que não tenho em casa.» Quando conseguir transformar isto neste espaço, vou-me embora, dei o tempo por bem empregue. •

Cantina Velha: palco e mesa de gerações

É um dos pontos centrais da organização social e funcional da Universidade de Lisboa e da Cidade Universitária. Edifício detentor de uma arquitetura revolucionária, foi criado para suprimir lacunas logísticas e acolher todos os acontecimentos pelos quais hoje é reconhecido. Para lá da arquitetura e do seu acervo de obras de arte, há um conjunto de pessoas que diariamente garante centenas de refeições à comunidade académica. Damos a conhecer a história da Cantina Velha e de quem a faz funcionar.

Fotografias © Ana Luísa Valdeira

Em janeiro de 1955, quando os arquitetos Manuel Norberto Corrêa e F. Rafael Miranda foram convidados a desenvolver e elaborar o «Plano para a Cidade Universitária», viram-se confrontados com um projeto que mudaria por completo as instalações, até então muito precárias, disponibilizadas aos estudantes de Lisboa. Aceitaram esse trabalho, a convite da Comissão Administrativa para as Novas Instalações Universitárias (CANIU), condicionados a que o edifício da Cantina fosse parte integrante de um centro de convívio de estudantes, com instalações para atividades culturais e associativas, e estivesse inserido numa zona para estudantes devidamente estruturada e, por sua vez, integrada num planeamento a realizar para a construção da futura Cidade Universitária de Lisboa, onde se reuniriam as escolas e os serviços universitários que se encontravam dispersos pela cidade em espaços deficitários e condições precárias. Para além do Centro dos Estudantes, o arquiteto sugeriu que se considerassem os projetos de construção de campos desportivos e de um estádio universitário. Foi então proposto, aceite e estabelecido em nova portaria que a área de proteção aos edifícios universitários se convertesse em área destinada a esses edifícios, traduzindo-se tal num vasto programa de aquisição de terrenos para a Universidade que foi imediatamente iniciado.

Nesse ano, Manuel Norberto Corrêa visitou diversas universidades europeias – nomeadamente em Itália, Holanda, Bélgica, França e Espanha – a fim de recolher informações que resultaram num extenso relatório, documentado com centenas de fotografias e desenhos, das instalações para estudantes. Solicitou a todas as secretarias das faculdades e escolas do ensino superior em Lisboa dados sobre a evolução do número de estudantes ao longo dos anos anteriores de modo a estabelecer previsões indicativas das áreas mínimas das futuras instalações. Face aos resultados, o arquiteto antevia que aquela área, delimitada por cerca de 150 hectares, seria pequena para conter o crescimento previsível da comunidade académica. A cantina deveria incluir um serviço de refeições não para 200 almoços com serviço à mesa, mas para 2000 refeições diárias, com sistema de *self-service*, então uma novidade em Portugal.

Ponto central da organização social e funcional da Cidade Universitária, a Cantina Velha é uma obra arquitetónica notável, composta por dois corpos em «L» invertido, com uma estrutura assente em pilares, arcos e cobertura circular, resultando num teto interior altíssimo. Um dos seus extremos está voltado para a rua da Universidade, com a sua longa e imponente escadaria na entrada, e o seu jardim e esplanada na reentrância, atualmente vedada. O seu interior, com amplo vestíbulo





1. Alice Mendonça, coordenadora do Núcleo de Alimentação dos Serviços de Ação Social da ULisboa
2. Grupo de funcionários da Cantina Velha durante o período de almoço, antes do início do serviço de refeições
3. Francisca Fialho, funcionária da Cantina Velha na sala de confeção das sobremesas

de acesso à área das refeições, é composto de teto abobadado, sustentado por contrafortes e pilares que seccionam o espaço interno. Trata-se de um núcleo edificado em que as fachadas são compostas em alvenaria de tijolo e betão, rebocadas e pintadas de rosa, marcadas por um jogo de vigas e pilares com enormes janelões retilíneos. Toda a decoração interior é desenhada pelos arquitetos e possui obras de arte da autoria de grandes artistas portugueses, como a escultura em bronze exposta na entrada, da autoria de Domingos Soares Branco; o painel em mármore embutido do pintor Rolando Sá Nogueira, na sala de refeições; ou o mosaico de vidro e linóleo por Teresa de Sousa, localizado no exterior. Palco de acontecimentos históricos, como a Crise Académica de 1962, a Cantina Velha, nome que adquiriu para se distinguir das outras cantinas que iam abrindo pelo *campus*, continua a ser um dos edifícios por onde passaram mais gerações de estudantes.

Para lá da obra arquitetónica, do betão e das obras de arte, há um conjunto de homens e mulheres que garante, diariamente, o funcionamento da Cantina Velha. Licenciada em produção alimentar e mestre em segurança e qualidade alimentar, Alice Mendonça é coordenadora do Núcleo de Alimentação dos Serviços de Ação Social e explicou-nos como funciona a máquina que alimenta a Cidade Universitária. Como se pensa e prepara uma ementa? Tudo começa dois anos antes com o lançamento de vários concursos públicos para a aquisição dos produtos alimentares. É feito um planeamento integral de todas as matérias-primas que serão utilizadas durante o ano; é necessário, por exemplo, definir quantos quilos de sal serão gastos, não podendo ser ultrapassadas as quantidades previamente definidas, fazendo do planeamento das ementas um processo criterioso e cuidado. São vários os fornecedores que preenchem os diferentes lotes do concurso público que é lançado: fornecimento de carne de mamíferos, de carne de aves, de laticínios, mercearias, etc.

Nem tudo é passível de planeamento. Surgem recorrentemente imprevistos, como falhas na entrega de encomendas – no produto ou na quantidade – que levam a que as ementas sejam preparadas semanalmente. À segunda-feira, é verificado o número de refeições servidas nesse dia e na semana anterior, sendo no dia seguinte definidos os pratos e produtos necessários para cada uma das unidades alimentares da Cantina:

«É importante estar disponível para todos aqueles que precisam de nós, todos os dias.»

Alice Mendonça

«O número de refeições oscila. Na semana passada servimos, em média, 1900 por dia, por exemplo. É importante que não haja desperdício, e para isso é necessário planear tudo de forma minuciosa.» É então definido e autorizado o número de refeições, seguindo para verificação de *stock*; posteriormente é efetuada a encomenda aos fornecedores. O elevado volume de refeições pode implicar um período de descongelamento de um produto, por vezes, de até três dias. O peixe, por exemplo, comporta todo o processo de preparação, o que significa que um atraso na entrega pode comprometer toda a ementa; por isso, a Cantina dispõe sempre de um *stock* de segurança, tendo assim salvaguarda total para que nenhuma refeição fique em falta. Para além da gestão de armazém, há uma preocupação nutricional quando se elabora a ementa: a proteína não pode ser a mesma todos os dias, é tida em conta uma rotatividade das refeições ao almoço e ao jantar, e é importante não repetir os acompanhamentos: «Tentamos sempre variar o máximo possível, até nas sobremesas.»

Entre a Cantina Velha e a unidade alimentar do Centro de Transferência de Tecnologia e Valorização do Conhecimento da Universidade de Lisboa [TTC], são cerca de 60 os trabalhadores, entre assistentes operacionais e técnicos superiores de armazém, que garantem todos estes pormenores, número que Alice considera deveras insuficiente, apontando os baixos salários face à dureza e ao volume do trabalho como um dos motivos para a escassez de funcionários. Na Cantina, todos podem desempenhar as diferentes funções. É incentivada a formação para cozinhar e preparar as refeições, e o mesmo se aplica às sugestões de ementas: «Muitos dos pratos são sugeridos pelas cozinheiras, faço questão de lhes pedir opinião, é sempre bem aceite», diz-nos Alice. Questionada sobre a campanha «A mais é de mais», de combate ao desperdício alimentar na Cantina, a coordenadora explicou-nos a razão e o que cada um pode fazer: «Temos notado que sobra

muita comida nos pratos. Os exemplos que damos no vídeo [*a circular pelas redes sociais da ULisboa*] – o pão inteiro embalado, o iogurte que não foi aberto, uma peça de fruta que não foi tocada – acontecem muito. Mesmo no próprio prato é comum sobrar imenso arroz ou carne. Pode não estar do agrado da pessoa, mas aquilo a que apelamos é que peçam menor quantidade porque a repetição é sempre possível. Tudo o que vai para o tabuleiro não pode ser reutilizado.»

Fizemos a volta completa pelos bastidores da Cantina e vimos onde tudo acontece: desde a preparação dos alimentos, a confeção das sopas e das sobremesas, até à lavagem da louça. A macrobiótica, localizada no piso superior, chega a servir 500 refeições diárias, representando quase 1/3 de toda a Cantina, sendo, nas palavras de Alice, «pequena para o número de refeições que serve». Apesar de, desde 2017, a lei obrigar a que as cantinas públicas forneçam, pelo menos, uma refeição vegetariana, a nossa Cantina já o fazia antes. As preferências dos estudantes são tidas em conta: a lasanha, as almôndegas e a *pizza* ocupam o pódio dos pratos habituais, havendo lugar a uma menção honrosa aos croquetes de espinafres da macro, um clássico intemporal da Cantina Velha. Importa salientar o esforço e a dedicação que existe por parte de todos, desde a massa da *pizza*, feita e esticada na Cantina, aos hambúrgueres vegetarianos, também confeccionados na sua totalidade da forma mais caseira.

Em tom de despedida, questionámos Alice sobre como entendia a importância da Cantina: «É estar disponível para todos aqueles que precisam de nós, todos os dias. A alimentação é a base fundamental da nossa sobrevivência, especialmente para os estudantes e sobretudo para aqueles que não têm hipótese de almoçar ou jantar noutro sítio. Estamos sempre presentes quando mais precisam, durante as aulas e durante os exames. Estivemos abertos durante a pandemia para não falharmos a ninguém. Diria que é esse o nosso lema: “sempre presentes!”» Nós concordamos. •



Patrícia Gonçalves

Nas salas de espera dos consultórios médicos, Patrícia Gonçalves lança mão aos inúmeros papéis de rascunho que costuma trazer consigo e tenta resolver os problemas matemáticos que não lhe saem da cabeça. Houve uma vez em que o conseguiu no preciso momento em que foi chamada, levando a médica a estranhar o sorriso aberto com que foi recebida. O entusiasmo inabalável pelo que faz tem sido o propulsor do seu percurso, pautado por um doutoramento no IMPA – Instituto de Matemática Pura e Aplicada, a conquista da primeira e única bolsa ERC atribuída à área da matemática em Portugal, e agora o lugar de professora catedrática do departamento de matemática do Instituto Superior Técnico. Na conversa que tivemos com ela fomos contagiados pela sua paixão.

Fotografia © Ana Luísa Valdeira

ULISBOA O que a fascina na matemática?
PATRÍCIA GONÇALVES É uma pergunta difícil. A matemática não tem o Prémio Nobel, tem a Medalha Fields, atribuída a cada quatro anos. Um vencedor da Medalha Fields discursou na Academia das Ciências e contou que foi um menino de cinco anos a fazer-lhe uma das perguntas mais difíceis na vida: «O que é a matemática?» [Risos] A matemática é como se fosse um vício, uma teimosia, em resolver problemas. É uma ciência bonita, tem uma linguagem universal. É uma infinidade de problemas, é o prazer em provar algo, mesmo que parcialmente, que não tem uma aplicação imediata mas que a terá no futuro. Se pararmos agora com a ciência fundamental e aplicarmos só o que sabemos, daqui a dez anos a Europa está a anos-luz e nós continuamos na mesma.

ULISBOA Explique-nos o que uma matemática faz.

PG Na minha família não há nenhum matemático. Eu era a esquisita, que passava os verões a resolver os exercícios do livro até ao fim. Quando vamos jantar fora pedem-me para ser eu a dividir a conta. [Risos] As pessoas têm ideia de que fazemos contas de somar, multiplicar, dividir. Não, fazemos o oposto: tentamos criar ferramentas para resolver problemas. Imaginem um problema abstrato para o qual tentamos criar teorias. À medida que resolvemos problemas parciais, vamos tentando atacar a teoria genérica. Peguemos num exemplo clássico: lanço um gás aqui na sala, saio e pergunto: como se espalharam as partículas ao fim de um tempo? Há duas áreas da matemática que nasceram com a intenção de entender este problema. Uma é a teoria cinética; outra é a minha área, a dos sistemas de partículas, que fica dentro da área da probabilidade. Os sistemas de partículas nasceram nos anos de 1970, dentro de uma teoria da probabilidade chamada cadeias de Markov. As cadeias de Markov são processos que evoluem com o tempo e têm a seguinte propriedade: se sei o meu presente e o meu passado, e quero saber o futuro, o passado é irrelevante; a única coisa importante para prever o futuro é saber onde estou no instante presente. É a chamada propriedade de perda de memória. O que se faz em probabilidade é discretizar o mundo. Por exemplo, parto a sala em cubos pequeninos e em cada um assumo uma certa quantidade de partículas e que elas se mexem de acordo com uma regra. Como se faz a passagem do micro, aleatório, ao macro, determinístico? Este tipo de problemas interseta com várias áreas. A colaboração é muito importante na matemática. Há muita gente que gosta de

trabalhar sozinha. Eu sou a favor de ter muitos alunos, de falar com pessoas de outras áreas, perguntar: «O que significa isto na tua teoria?» Esta tradução de linguagem pode resolver problemas em aberto. Tenho problemas para resolver há dez anos. Sempre que tenho um problema novo uso um caderno diferente. Se não o consigo resolver, pouso o caderno e venho buscá-lo passados uns anos. Uma ideia que se tem num problema diferente soluciona um problema antigo. É isso que a matemática tem de bonito. É uma disciplina muito motivante porque é desafiante. É como resolver um *puzzle*. É aquele bichinho.

ULISBOA Explique-nos mais um pouco do seu ramo, os sistemas de partículas.

PG Imaginemos um dia de chuva de granizo. Estamos sentados num carro, à espera de alguém, e aquelas partículas que caem aleatoriamente do céu começam a depositar-se no para-brisas e a formar um padrão. Vamos supor que eu podia afastar-me infinitamente do carro: começaria a ver uma linha que separa o vidro com partículas de gelo do vidro sem partículas de gelo. Essa linha, a que chamamos interface, é a solução de uma equação. Há uma equação matemática que me diz como é, ao longo do tempo, a evolução que espero ver: é uma linha reta? Tem curvas acentuadas? Suaves? Como se comporta essa linha? Isto vem de uma teoria de três físicos que em 1986 propuseram essa equação como sendo universal [equação KPZ, ou Kardar-Parisi-Zhang], que se vê em determinados fenómenos físicos, como na deposição de partículas de gelo ou quando queimamos uma folha de papel. À medida que o papel vai ardendo, a interface do papel que está queimado e do que não está é o mesmo tipo de linha que se vê entre as partículas de gelo no vidro e o vidro sem gelo. É a mesma equação.

ULISBOA Porquê?

PG É essa a pergunta. A maneira como certos tipos de cancro crescem segue exatamente o mesmo tipo de linha. Agora a pergunta é: é universal, no sentido em que tudo é regido por esta linha? O que a torna universal? O que têm estes fenómenos físicos em comum que leva a este tipo de linha? É a única linha universal ou existem outras? Isto é o que os físicos chamam classes de universalidade. Uma das coisas que ando a fazer com colegas é provar que de facto se consegue chegar a essas classes de universalidade. Chegámos a duas teorias, uma das quais pode eventualmente dar frutos, mas precisamos ainda de muito conhecimento.

ULISBOA Afirma-se orgulhosamente de Barcelos, mas nasceu em Esposende. Estudou no Porto, no Rio de

Janeiro e em São Paulo, passou temporadas em Nova Iorque e em Paris. Voltou ao Rio para ensinar, algo que também fez no Minho e em Lisboa. O seu percurso tem sido geograficamente variado por gosto ou necessidade?

PG É uma pergunta difícil. [Pausa] As duas coisas. Fiz a licenciatura em matemática no Porto, que adorei. Éramos 140 alunos a fazer um curso de matemática, dos quais 135 iam para matemática educacional. Havia muita falta de professores de liceu. A licenciatura era de quatro anos e podíamos escolher um perfil: matemática educacional, para onde todos iam; matemática aplicada, para onde alguns iam; e matemática pura, para onde ninguém ia. Fui para educacional porque não queria de maneira nenhuma ficar numa turma sozinha com um professor. Na altura o ensino era muito distante, o professor cá em cima e o aluno lá em baixo; o aluno não falava. No 3.º ano havia mais três alunos a fazer matemática pura e pedi para mudar. Tínhamos muitos professores em matemática pura que tinham feito o doutoramento no IMPA, onde me doutorei. O IMPA oferece cursos de verão e três de nós fomos. Lembro-me perfeitamente da primeira aula. Entra na sala alguém com chinelos, calções e *t-shirt*. Pensei que era um aluno que vinha substituir o professor. Começa a dar a aula, sem papéis, nada na mão. Uma aula impecável, um quadro que eu diria ter linhas invisíveis onde ele sabia escrever. De repente, um aluno interrompe a aula e diz: «Cláudio!» No Porto não interrompíamos as aulas e muito menos chamávamos um professor pelo nome, era «Excelentíssimo Senhor Doutor». O aluno diz que há um erro no quadro e o professor, muito naturalmente, diz que ele tem toda a razão, que falta ali um sinal. Achei fascinante aquela forma de trabalhar matemática em aula, de fazer com que o aluno não ficasse bloqueado. No Brasil, isso faz a diferença, e temos de aprender a fazer isso em Portugal. Temos de dizer aos nossos alunos: «Façam perguntas, não levem as dúvidas para casa.» Depois percebi que aquele era mesmo o professor, o Cláudio Landim. Decidi que regressaria para fazer o doutoramento em qualquer que fosse a área dele. Saí da licenciatura no Porto diretamente para o IMPA, não fiz mestrado. O IMPA é um centro de excelência mundial. Não temos nada análogo em Portugal e um dos meus desafios é um dia termos algo parecido. Lá fui fazer o doutoramento em sistemas de partículas, a área desse professor pela qual me apaixonei. É mesmo uma paixão. Eu digo aos meus filhos: «Não vou trabalhar, vou-me divertir!»

ULISBOA Terminou o doutoramento em 2007. Regressou logo a Portugal?

PG Não, fui fazer um pós-doutoramento de seis meses na Universidade de São Paulo. Só depois regressei a Portugal e fiquei três meses na Universidade do Minho, a convite de colegas, para dar um curso na minha área, nova em Portugal. Em 2009 dei aulas no departamento de matemática da Universidade Nova de Lisboa. Dava 20 horas por semana, repetia a mesma aula a cinco turmas diferentes. Porquê? Porque queria arranjar um emprego em Portugal. Acabei o doutoramento em 2007 e arranjei emprego no Técnico em 2015. Passaram oito anos, nos quais andei a rodar por todos aqueles sítios. Quando olho para trás pergunto: «Como é que aguentei?» O contrato com a Nova acabou ao fim de seis meses, concorri ao programa Investigador FCT e ganhei. A meio ganhei um concurso de Estímulo à Investigação da Fundação Calouste Gulbenkian. Usei essa verba para passar uns meses no Instituto Courant de Ciências Matemáticas, em Nova Iorque, a trabalhar com Varadhan, um dos pilares da minha área. Contactei com muita gente de muitas áreas e foi extremamente estimulante. Isto foi em 2011, andava a concorrer para tudo quanto era sítio. Notava que, como a minha área era desconhecida, o meu currículo ficava sempre no fim. Reclamei várias vezes. Comecei a ficar dececionada com o país. Sempre achei que um doutoramento em matemática do IMPA garantiria emprego aqui. Concorri à PUC [Pontifícia Universidade Católica de São Paulo] e ganhei. Recebi um *email* a dar conta disso mesmo no dia em que o meu filho ia nascer. Falei com o meu marido e concluímos que era uma boa oportunidade apesar da distância e das dificuldades familiares que iriam surgir. Tínhamos a vantagem de lecionarmos em calendários desfasados, alternávamos as férias por forma a conseguirmos estar juntos. Passámos dois anos neste registo. Comecei a ter um currículo mais competitivo – de administração de faculdade, de orientação de alunos, entre outras coisas que em Portugal seriam impossíveis – e concorri a mais uma posição para investigador FCT, porque fiquei grávida da minha filha e decidi voltar para Portugal. Neste processo, concorri a dois concursos no Técnico: um na área em que trabalho, probabilidade e estatística, como auxiliar; outro em todas as áreas, exceto probabilidade e estatística, como professora associada. Ganhei os dois. Perguntaram-me qual queria e obviamente escolhi o de associada, tinha um contrato melhor.

«Se pararmos agora com a ciência fundamental e aplicarmos só o que sabemos, daqui a dez anos a Europa está a anos-luz e nós continuamos na mesma.»

ULISBOA Venceu a primeira e única bolsa ERC atribuída à área da matemática. É justo dizer que a sua vida mudou em 2016 com esta bolsa?

PG Conhecia várias pessoas que tinham concorrido às ERC anteriormente, nenhuma com sucesso, infelizmente. Nessa altura, enquanto investigadora no Minho, dediquei um mês da minha vida a escrever um projeto. A ERC exige um projeto muito específico. Há perguntas importantes a colocar quando nos candidatamos: «Porquê eu? Há milhares de pessoas no mundo a fazer coisas parecidas, porque é que a bolsa será para mim? E porquê agora?» O *timing* é essencial. Era uma altura em estávamos a tentar, pela primeira vez, formalizar aquela linha e caracterizá-la de forma matemática e rigorosa. Estávamos a criar uma ferramenta nova na matemática. O *feedback* que tive dos meus colegas foi muito importante. Preparei-me imenso para a entrevista. Lembro-me de estar na praia, no Algarve, de abrir o *email* no telemóvel, ler o resultado da candidatura e pensar: «A minha vida vai mudar.» E mudou. Foi um período de muita atividade no Técnico, convidamos muita gente, tive muitos alunos de doutoramento, a certa altura tinha 13 pessoas a trabalhar comigo. A ERC dá-nos coisas que a FCT não dá. A criação de uma equipa é essencial e a ERC permite-o.

ULISBOA Passaram quase dez anos desde o início desse projeto. Na altura disse que tinha pedido financiamento para cinco estudantes de mestrado, de modo a formar uma escola na sua área de investigação. Conseguiu?

PG Não, devido à falta de desenvolvimento na área da probabilidade que existe no país. As bolsas ERC dão prioridade à investigação, não à formação de recursos humanos. Queria um por cada ano, começar com alunos que saem da licenciatura, dar-lhes as bases de probabilidade que não têm para depois prosseguirem para o doutoramento. Um conhecimento básico da probabilidade é algo que não é ensinado na licenciatura nem no mestrado. Nas licenciaturas de matemática típicas veem a probabilidade como aplicação direta à estatística. Mas a probabilidade é uma disciplina que tem vida por si só e muitas aplicações. Devíamos mudar o ensino da probabilidade, pô-la num contexto de matemática pura. Afinal, a probabilidade permite que haja

muitas possibilidades para tudo aquilo que fazemos.

ULISBOA Quando fez a licenciatura em matemática na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto disse que dos 140 estudantes, apenas 10 eram do sexo masculino. Pensou nas razões para tão grande discrepância?

PG É muito natural porque era um curso cuja finalidade era ser professor de liceu. Tipicamente, eram as mulheres que queriam ser professoras de matemática. Até 2002, os melhores alunos – incluindo alunas – eram convidados para serem assistentes estagiários. Faziam os seus mestrados, doutoramentos e tinham alguma estabilidade. Hoje, dizemos a uma aluna: «Vais acabar o doutoramento e passar dez anos a correr o mundo para, com sorte, conseguires um emprego na faculdade.» Elas vão pensar duas vezes, irão trabalhar para bancos e afins. Estive quase a ir para um banco em Inglaterra, fiz três entrevistas, todas por telefone. A última foi muito curiosa, notei um sotaque brasileiro na pessoa que estava a falar comigo e perguntei: «O senhor é brasileiro?» Passámos a falar em português e chegou a um ponto em que lhe disse: «Adoro investigação e só estou a deixar de o fazer porque não vejo futuro no meu país. Quero tentar uma coisa diferente num país diferente.» Contou-me como era o trabalho num banco: dependente de colegas, chato, pouco desafiante, pouco criativo. No fim, disse-me para pensar muito bem na decisão que iria tomar. Olhando para trás, acho que ele foi amigo.

ULISBOA O que é para si a matemática?

PG Primeiro, acho que é muito útil para toda a gente. É uma forma de pensar, de raciocinar de forma lógica e argumentar de forma correta. Não gosto que me deem respostas com «é mais ou menos assim...» Mais ou menos não existe, quero saber exatamente como e porquê. Gosto da matemática porque nos obriga a criar estratégias para resolver problemas, obriga-nos a pensar e sistematizar o pensamento e o dia a dia. Nem todas as pessoas da matemática são boas comunicadoras, o trabalho de um professor ou investigador é também motivar os alunos, mostrar como é interessante. No Técnico temos uma coisa muito boa, que é também uma enorme vantagem: os nossos alunos. Tenho alunos bestiais, mesmo muito bons. •



Enfermagem na ULisboa

Por ocasião da sua integração na Universidade de Lisboa, visitámos a Escola Superior de Enfermagem para dar a conhecer à comunidade o seu mais recente membro. Patrícia Silva Pereira, presidente da ESEUL, conversou connosco sobre o percurso que a Escola tem feito e que neste momento a coloca na vanguarda da enfermagem. Guiou-nos ainda numa visita às instalações do Polo Calouste Gulbenkian.

Fotografias © Ana Luísa Valdeira

A história da Escola Superior de Enfermagem é também a história do ensino em enfermagem em Portugal. A sua criação formal acontece em 2004, quando é decretada a fusão das escolas superiores de enfermagem públicas das cidades de Coimbra, Lisboa e Porto, promovendo a criação de uma única escola de enfermagem pública em cada cidade. À data, em Lisboa, existiam quatro destas escolas, cuja fusão deu origem à Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, constituída enquanto estabelecimento de ensino de cariz politécnico não integrado. Contudo, a integração futura num estabelecimento de ensino superior foi desde logo prevista.

Cada uma das quatro escolas de enfermagem públicas de Lisboa que deram origem à agora ESEUL estava revestida de importância histórica:

- a Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara foi a primeira escola pública de enfermagem em Portugal, com a criação, em 1886, do primeiro curso para a formação de enfermeiros no Hospital de S. José;

- a Escola Superior de Enfermagem Francisco Gentil datava de 1940 e foi criada com base na Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia;

- a Escola Superior de Enfermagem Maria Fernanda Resende, de 1986, centralizava o ensino pós-graduado, dedicando-se ao ensino das especialidades como enfer-

magem psiquiátrica, de saúde pública, e ensino e administração em enfermagem;

- a Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian de Lisboa, criada em 1957 com a designação de Escola de Enfermagem do Hospital de Santa Maria, surgiu com a abertura do Hospital Escolar de Lisboa, atual Hospital de Santa Maria.

Em 1968, um financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian permitiu que esta última Escola se autonomizasse do Hospital de Santa Maria, construindo-se um novo edifício que permanece ativo no hoje designado Polo Calouste Gulbenkian, onde falámos com a atual presidente da ESEUL, Patrícia Silva Pereira. Este financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian foi atribuído a escolas de enfermagem em Lisboa, Coimbra e Braga, sendo aí construídos edifícios exatamente iguais. «O melhor preservado é o de Lisboa, onde nos encontramos,» partilha connosco a presidente, «porque fizemos sempre questão de preservar a traça original, interior e exterior.»

Atualmente a ESEUL funciona em dois polos: o referido Polo Calouste Gulbenkian, na Cidade Universitária, e o Polo Artur Ravara, a breve trecho designado *campus* Parque das Nações, onde se situa. Com valências diferentes, no primeiro é lecionada a licenciatura e no segundo os mestrados e o doutoramento.

A licenciatura em enfermagem tem a duração de quatro anos, os dois primeiros dedicados à teoria e os seguintes à prática clínica. Chegam a estar 600 estudantes diariamente em estágio, na área metropolitana de Lisboa e por vezes além. O estágio integra a passagem por áreas diversas em unidades de saúde e hospitais e o estudante é acompanhado nesta fase por dois orientadores, um pedagógico e um clínico, que o avaliam no período passado em cada serviço. É a própria Escola que se encarrega da procura dos lugares de estágio para assegurar determinadas características, nomeadamente que o orientador clínico tenha, no mínimo, o mestrado, e seja da área de estudo do estudante.

O programa que os estudantes seguem no ensino clínico é determinado pela Ordem dos Enfermeiros, que fornece também as diretivas dos planos de estudos às escolas de enfermagem. Patrícia Silva Pereira explica que «a aprovação de um curso em qualquer área regulada por uma Ordem é submetida não apenas à Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior mas também à Ordem respetiva. A ESEUL tem autonomia científica, mas atribui um grau académico, não o título que permite o exercício da profissão. Nós formamos para que uma pessoa possa exercer enfermagem; depois é necessário fazer um exame na Ordem dos Enfermeiros».

Todos os anos ingressam no 1.º ano de licenciatura cerca de 300 estudantes, aproximando-se de 1200 aqueles anualmente a frequentar este grau. «Há cerca de 50 estudantes por turma. Em aulas teóricas juntam-se duas ou quatro turmas; em aulas teórico-práticas, uma turma. Nas aulas práticas estão no máximo 14 estudantes.» Para o ano letivo de 2024/25, o contingente para o concurso nacional de acesso foi de 278 vagas, para as quais houve quase 1500 candidatas. Nas últimas décadas uma profissão maioritariamente associada ao sexo feminino, o curso de enfermagem continua a ser mais procurado pelas mulheres: na ESEUL, os alunos do sexo masculino per-

fazem cerca de 15 % do total de estudantes, percentagem que se tem mantido nos últimos cinco anos.

Ao nível da pós-graduação são dez os mestrados que a ESEUL oferece, nove correspondentes a especialidades – como enfermagem comunitária ou de saúde mental e psiquiátrica – e um de gestão em enfermagem. Anualmente são cerca de 300 os estudantes de mestrado. Para obter o título de especialista, é obrigatório completar dois anos de prática clínica. «O título de especialista implica não só uma dissertação mas um determinado número de horas de estágio que permita à Ordem dos Enfermeiros reconhecer o estudante como especialista naquela área», explica a presidente.

No que respeita ao doutoramento, inscrevem-se neste grau cerca de 15 estudantes por ano, chegando aos 100 no total. Apenas o 1.º ano é curricular. Desde 2004 que o doutoramento em enfermagem, o primeiro em Portugal, é realizado em parceria com a Universidade de Lisboa, integrando professores e investigadores das duas instituições. Patrícia Silva Pereira explica que «a carreira de docente em enfermagem começou a exigir que se entrasse com o grau de doutor mas, paradoxalmente, não existindo doutoramento em enfermagem, as pessoas doutoravam-se noutras áreas: ciências da educação, filosofia, etc. Hoje já conseguimos pessoas com esse doutoramento. Eu própria fiz o doutoramento em enfermagem na Universidade de Lisboa em 2005».

Na prática, estas duas instituições relacionam-se há 21 anos. «O casamento deu-se depois de uns bons anos de namoro», diz-nos Patrícia Silva Pereira, entre sorrisos. A primeira tentativa de integração na Universidade de Lisboa ocorreu em 2007. Dada a parceria no doutoramento e a diretiva da tutela de integração das escolas de ensino de cariz politécnico noutras instituições, para a ESEUL era óbvia a escolha da Universidade de Lisboa. Também as Escolas Superiores de Enfermagem de Coimbra e do Porto exigiram a integração em universidades, e não nos institu-

«Quando vamos a outros países e falamos do nosso doutoramento, ficam muito surpreendidos. A nossa formação é altamente reconhecida internacionalmente por via de tudo o que foram as conquistas neste país. Somos um exemplo.»
Patrícia Silva Pereira



Patrícia Silva Pereira, presidente da Escola Superior de Enfermagem da Universidade de Lisboa

tos politécnicos das respetivas áreas. António Sampaio da Nóvoa, como reitor da ULisboa, e Filomena Gaspar como presidente da, à data, ESEL, chegaram a um entendimento. Na véspera da consumação do noivado, o ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior vedou a integração. Esta decisão não gerou, para Patrícia Silva Pereira, uma sensação de derrota ou que não havia um caminho a fazer: «Mantivemos o nosso compromisso, os nossos encontros regulares e continuámos a cuidar da forma como queríamos crescer, não para parecermos apetecíveis, mas por fazer parte da nossa identidade.»

De 2007 até agora, a ESEUL perseverou no desenvolvimento da enfermagem, não só enquanto profissão mas também enquanto área científica. O doutoramento permitiu a produção de conhecimento nesta área, como conta a presidente: «Antes, os enfermeiros investigavam, mas em áreas oblíquas à enfermagem. O

doutoramento foi um grande ganho. Contámos com pessoas visionárias, nomeadamente a professora Marta Lima Basto, a primeira enfermeira doutorada em Portugal, mas não em enfermagem. Foi ela que começou a fazer caminho.» O aumento da investigação nesta área e o incremento das relações fora da instituição e a nível internacional contribuíram para um crescimento e uma consolidação da disciplina: «Quando vamos a outros países e falamos do nosso doutoramento, ficam muito surpreendidos. A nossa formação é altamente reconhecida internacionalmente por via de tudo o que foram as conquistas neste país. Somos um exemplo. É também por tudo isto que a integração na Universidade de Lisboa se dá de uma forma natural, e não de modo forçado nem fabricado.»

«Ganhámos em termos de pertença a um corpo», sublinha ainda Patrícia Silva Pereira a propósito dos



1. Centro de Simulação – Laboratório de Prática Clínica
2. Residência das Alunas
3. Centro de Simulação – Laboratório de Administração de Terapêutica Parentérica

benefícios da integração na Universidade de Lisboa. «Os estudantes passam a ter maior interligação com outras áreas dentro da Universidade. Podem trabalhar com médicos, fisioterapeutas, biólogos, químicos e até com pessoas das humanidades.» Neste sentido, a aproximação à Faculdade de Medicina é agora mais efetiva. A ESEUL já tinha vários trabalhos em parceria com a Faculdade de Medicina, mas agora, estando debaixo da mesma instituição-mãe, esta colaboração é mais próxima e objetiva. Ao mesmo tempo, estando numa instituição maior, a ESEUL ganha mais proteção e mais peso junto de outras instituições, continuando garantida a sua autonomia financeira, pedagógica e patrimonial.

Além de incluir a enfermagem como uma nova área disciplinar, a ESEUL traz ainda para a U Lisboia o seu património. Deste ativo patrimonial, destaca-se a residência com 155 camas do polo Calouste Gulbenkian, que foi alvo recentemente de requalificação com fundos do PRR. A residência nasceu na mesma altura em que a Escola foi construída, quando as escolas de enfermagem eram apenas frequentadas por mulheres. Um decreto lei de 1942 estabelecia que a enfermagem só podia ser exercida por mulheres solteiras ou viúvas, sem filhos. As enfermeiras não se podiam casar e tinham de ter autorização dos pais para fazerem a formação. Por ser apenas frequentada por mulheres, a residência tem na entrada uma placa que a designa «Residência das Alunas». Patrícia Silva Pereira explica-nos por que razão quiseram manter, ainda hoje, essa placa: «As enfermeiras tinham um conjunto de restrições que não lhes permitiam ser livres. As pessoas eram tratadas como se fossem freiras. Deixar a placa é uma forma de marcar a história e de como ela mudou a favor das mulheres. Ao mesmo tempo, é contracorrente, já que o plural é sempre masculino. Basta estar um homem num grande grupo de pessoas para usarmos o masculino. Onde há emancipação feminina é na enfermagem.»

Na verdade, a enfermagem era uma profissão subalterna a vários níveis. A sua afirmação enquanto disciplina tem sido conseguida a pulso, à semelhança do que é a afirmação das mulheres na sociedade. Patrícia Silva Pereira é clara sobre este assunto: «Existe uma correspondência entre a assunção do papel da mulher na sociedade e o desenvolvimento da profissão de enfermagem. Acho que muita da opinião pública menos

positiva relativamente à enfermagem também se deve ao facto de ter sido uma profissão ligada a mulheres e mantida numa lógica submissa, mesmo face à medicina. Como esteve muito tempo ligada às mulheres também padece desta necessidade constante de se afirmar. Hoje já se nota que a enfermagem começa a afirmar-se como uma disciplina complementar na área da saúde.»

Apesar da integração na Universidade de Lisboa e da importância da enfermagem como área científica, a ESEUL mantém-se como ensino politécnico, não podendo ainda adotar a natureza do ensino universitário. Atualmente não existem muitas diferenças, mas existe uma relevante ao nível da docência: as cargas horárias atribuídas. Um professor universitário pode dar um mínimo de seis horas letivas e um máximo de nove por semana. Já um docente do ensino politécnico pode dar um mínimo de seis horas e um máximo de doze. Isto tem implicações no tempo que fica disponível para a investigação, como nos diz a presidente: «Em 35 horas semanais, ter seis ou doze horas letivas faz uma grande diferença. Ou seja, o tempo que um docente do politécnico pode dedicar à investigação é muito inferior. Se a isto acrescentarmos o contexto da prática clínica, o cenário piora um pouco. Não são atribuídas horas de investigação a estes profissionais. O ideal seria que as leis que gerem estas carreiras as tornassem mais igualitárias.» Esta desigualdade persiste porque sempre foi entendido que o politécnico forma para a profissão, ao contrário do ensino universitário. Apesar disso, o ensino politécnico da enfermagem tem vindo a evoluir bastante, com o reconhecimento da outorga do doutoramento a ser sinal disso mesmo.

A visão de futuro de Patrícia Silva Pereira é então que a ESEUL passe a ser uma escola universitária. Hoje, a ESEUL não forma apenas pessoas para a profissão de enfermagem. Algumas são empresárias na área da saúde e outras dedicam-se integralmente à investigação. A ESEUL foi aliás a primeira Escola a abrir concursos para investigadores a tempo inteiro, um sinal revelador de que a disciplina está a falar de igual para igual com as outras áreas científicas. Estamos assim perante um horizonte promissor, algo que a presente integração desta área de conhecimento na Universidade de Lisboa ajuda a consolidar, antecipando um futuro próspero para o ensino e a investigação em enfermagem. •



1. Centro de Simulação – Sala de Trabalho de Laboratórios
2. Traseiras da ESEUL com vista para a Faculdade de Medicina e Hospital de Santa Maria
3. Centro de Simulação – Sala de demonstração



Paula Moura Pinheiro

Diz que é a alegria da partilha que a move. O que lhe dá gosto partilhar? Tudo o que é conhecimento, desde o cultivo da beterraba à construção da União Europeia. Licenciou-se em Comunicação Social na Universidade Nova de Lisboa mas, anos mais tarde, veio seguir as pisadas maternas na Faculdade de Direito da ULisboa, com uma pós-graduação em Direito Comunitário. Não se vê como educadora, mas acredita que se pode aprender com a televisão. Tem feito disso a sua vida.

Fotografia © Sara Oliveira

ULISBOA É considerada a jornalista de cultura por excelência em Portugal, mas disse não gostar da expressão «jornalismo cultural». Como descreve o que faz?

PAULA MOURA PINHEIRO Continuo a usar essa expressão, com a ressalva do desconforto que me causa, porque não é fácil substituí-la. Usá-la implica explicitar os pressupostos do que é a cultura. A cultura é tudo o que é produção humana e que implique um corpo de conhecimento adquirido que vai passando de uns para outros. Por exemplo, saber cultivar beterraba é uma arte cultural. É um gesto humano que pressupõe conhecimentos específicos e que esse corpo de conhecimentos foi passando, e passa, de gerações para gerações. Assumir que jornalismo cultural é sempre e só aquilo que pode ser confundido com erudição ou arte *versus* artesanato é complexo. O que eu gostava era que todos os jornalistas – que todas as pessoas – fossem cultos, no sentido de terem uma formação que lhes permitisse compreenderem como o mundo é complexo, de ter esta noção de que não se sabe e ir falar com quem sabe. Uma pessoa com uma boa formação tem pudor em avançar com explicações simples, em equiparar opiniões que não são equiparáveis, em basear reportagens e notícias na *vox populi*, que tomou as rédeas nas redes sociais e é excessivamente reproduzida nos meios de comunicação convencionais. Tenho uma leitura muito ampla da minha atividade. Para mim, jornalismo cultural é ter como interlocutores pessoas com um conhecimento adquirido sobre determinada área e que merecem ser escutadas por aqueles que não o têm. No limite, tenho muito respeito por todas as formas de produção de conhecimento. Mesmo quando uma matéria não me interessa muito à partida, começo a falar com um especialista e é sempre fascinante. Se um especialista é apaixonado pela sua área de conhecimento, tem meio caminho andado para comunicar bem. Não há nada mais contagiante do que o entusiasmo.

ULISBOA O jornalismo foi a primeira escolha?

PMP Não, por acaso não foi. A vida dá voltas, e é bom. Há aquela frase ótima: «Não faças planos para a vida para não estragares os planos que a vida tem para ti.» Gosto de me lembrar frequentemente desta frase para desmontar a tendência que tenho para controlar. A minha primeira escolha era fazer produção cultural ou animação cultural, numa instituição que programasse ciclos de cinema ou conferências. As coisas acabaram por me conduzir ao jornalismo e tenho feito aí, de outra forma, algo ligado

ao meu primeiro plano, no sentido em que dou voz e visibilidade aos produtores culturais e aos criadores.

ULISBOA Um jornalista tem necessariamente de se formar em jornalismo?

PMP Não, de todo. Quando fiz a licenciatura em Comunicação Social na Universidade Nova de Lisboa tínhamos uma única cadeira de jornalismo, chamada discurso jornalístico, para grande frustração dos meus colegas que queriam de facto ser jornalistas. Era um curso muito teórico que nos introduzia precisamente à ideia de que o mundo é um lugar complexo e tem de ser pensado devagar. Há outra frase que uso: «Temos pouco tempo, por isso pensa devagar.» Como errar é muito fácil, porque temos sempre pouco tempo, então vamos parar e concentrar-nos para ver se não argolamos muito. Era um curso com disciplinas variadas, e é a isso que eu chamo uma boa introdução a uma boa formação. Tínhamos semiótica, teoria da cultura, economia, história, antropologia, sociologia... Não era nada especializado nas técnicas jornalísticas, o que acho muito bem. Se é para aprender como fazer uma peça em televisão, como ser um pivô, como fazer uma reportagem ou entrevista, essas técnicas devem aprender-se em cursos profissionais. As universidades não devem ter esse papel. Se começam a abraçar esse papel significa que estão a abdicar do seu. Isso é muito grave e está relacionado com concessões contemporâneas, concessões à facilidade, que me preocupam. Uma coisa é compreender o tempo em que vivemos e fazer adaptações necessárias; outra são concessões que desvirtuam a vocação de instituições como uma universidade.

ULISBOA Disse numa entrevista que o seu leitor-modelo era o seu avô. Foi ele que fomentou o seu gosto pela leitura?

PMP Não há fomento maior do que o exemplo. O meu avô não fomentava nada, passava os dias a fumar e a contar anedotas, a ler e a comer doces às escondidas, porque era diabético e não podia. Era uma figura muito singular. Um bocadinho excêntrico, para dizer o mínimo. Foi um grande companheiro para mim na infância, divertíamos-nos imenso. Nunca se preocupou em educar-me nem em incentivar-me para coisa nenhuma, porque achava, e bem, que isso competia aos pais. Não lia para me incentivar; simplesmente estava ali a ler e comentava comigo o que ia lendo. Ele tinha três temas diletos. Um era a história do século XX, por uma razão que se compreende: ele nasceu em 1901 e morreu no fim dos anos de 1980, atravessou grande parte do século. Outro era os animais. Passava do

Hitler e de Hiroshima para a velocidade a que as chitas correm. Este meu avô reiterou muito este sentimento de haver coisas incríveis dentro dos livros, e de haver de tudo! Se calhar o fascínio que ele tinha por universos tão diversos introduziu-me precocemente à ideia de que tudo merece a nossa atenção. Não é que não houvesse outros leitores à minha volta. Quando eu e a minha irmã nascemos, a minha mãe estava ainda na Faculdade de Direito, em Coimbra. Ela tinha uma relação com a leitura completamente diferente da do meu avô. O meu avô lia recostado, a fumar, a comer doces: a linguagem corporal era de prazer e diversão. A minha mãe estava debruçada sobre os livros, sempre muito organizada, com canetas com cores, a sublinhar os apontamentos e a escrever. Era uma coisa de atenção, mas de tensão. Qual havia de ser o leitor que eu queria ser? Nada disto eu percebia na altura, são reflexões sobre estas memórias. A terceira coisa que o meu avô adorava, e que eu adoro até hoje, era *westerns*. Não só ver como ler. Aí ele lia-me estas cobiadas, numa coleção de formato de bolso que havia. Qualquer texto desses é de uma qualidade de primeira água, sob o ponto de vista formal, do bom português, em relação ao que hoje se pratica.

ULISBOA A sua pós-graduação em Direito Comunitário vem da influência materna?

PMP Seguramente. Acho que o Direito é o que há de mais próximo de Engenharia nas humanidades. Tem regras, é estruturado, com uma metodologia bastante rigorosa. A minha mãe era muito estruturada, pensava com rigor. Eu e a minha irmã fomos educadas por uma pessoa que organizava bem o pensamento e expunha bem os seus argumentos. Sempre associei isso a um tipo de pensamento jurídico, uma pessoa fazer prova do seu caso. Por outro lado, interessei-me precocemente por filosofia política e ciência política. Quis fazer Direito Comunitário porque queria compreender os mecanismos da União Europeia. Porque sou – não obstante os impasses e as dificuldades com que a União se depara hoje – uma convicta europeísta. Mais do que isso, sou absolutamente a favor de uma federação europeia. A criação de uma comunidade europeia quando a Europa estava ainda, literalmente, a fumejar dos estragos da II Guerra Mundial, é algo entre o comovente e o espantoso. Espantoso de voluntarismo e de esperança. Foi, sob o ponto de vista da engenharia política, a coisa mais extraordinária da história ocidental, só comparável em visão, escala e ambição à fundação dos Estados Unidos da América e à democracia na Grécia

Antiga. Eu queria perceber como se tinha montado este aparelho. Foi muito exigente, porque estava a trabalhar e tinha duas crianças, mas achei fascinante. Consegui interessar-me a sério por Direito da Concorrência, pela PAC – Política Agrícola Comum, eu que sou absolutamente inapta para números. Como fui gostar destas cadeiras? Só significa que tive muito bons professores. Tive de estudar muito. Era das raras não juristas a fazer a pós-graduação. Apesar do ambiente extremamente formal, lembro-me de que gostei da exigência da Faculdade de Direito.

ULISBOA Ainda é possível aprender com a televisão?

PMP Quero crer que sim porque faço disso a minha vida. A televisão é um instrumento, resta saber como se usa. Vou dar um bom exemplo. A RTP2 é um canal extraordinário no mundo ocidental. Desafio as pessoas a encontrarem um canal com o nível de qualidade de programação da RTP2. O canal oferece às pessoas séries dinamarquesas, finlandesas, espanholas, francesas, etc. O mundo é vasto e diverso, exatamente o contrário do afunilamento e empobrecimento da maioria da programação dos canais generalistas. A RTP2 presta um serviço imenso. Só não é maior porque não é promovida, nem dentro de casa, no grupo RTP. Estou convencida de que se os conteúdos programáticos da RTP2 fossem promovidos com a mesma «agressividade» dos da RTP1 chegaríamos a mais pessoas. É um canal de sinal aberto, gratuito. As pessoas nem param no canal, dizem que «é aquela coisa dos intelectuais». Não, não é. A ficção da RTP2 conta histórias, só não conta em inglês americano. E isto é maravilhoso. É verdadeiramente uma alternativa. Por isso devia ter mais visibilidade e isso cabe à política do grupo RTP. Com isto não estou a desmerecer a RTP1, nem os programas que promove. O *Joker*, por exemplo, é útil à comunidade e constrói comunidade. É um programa de cultura geral que as famílias veem para tentar acertar na resposta. E é divertido, bem-disposto, leve. O célebre e tão discutido *O Preço Certo* ofende alguém? Nos tempos que correm, é do mais inocente que há. Não está a promover valores nefastos. Acrescenta conhecimento? Também, num aspeto: dá-nos a conhecer o país real. E também constrói comunidade. Vêm pessoas de todas as partes do país. É um espaço de encontro que liga as pessoas mais afastadas dos centros de decisão, as pessoas mais esquecidas que vivem nos lugares mais recônditos. A RTP1 presta muito serviço público, mas a RTP2 presta um serviço público que mais ninguém presta em Portugal.

«O que eu gostava era que todos os jornalistas – que todas as pessoas – fossem cultos, no sentido de terem uma formação que lhes permitisse compreenderem como o mundo é complexo, de ter esta noção de que não se sabe e ir falar com quem sabe.»

ULISBOA Os programas que tem desenvolvido até agora são maioritariamente na RTP. Acha que seria possível desenvolver esse tipo de programas noutros canais?

PMP Não. Tal como nós fazemos, não.

ULISBOA Ou seja, a missão de um serviço público está a par da sua própria missão?

PMP Claro. Numa estação privada, o retorno de um investimento é muito importante e por isso as áreas onde se admite que o retorno não seja garantido são muito pequenas. Fazer televisão é muito caro, aliás como produzir jornais. Uma estação pública tem por missão garantir prestar serviços cujo custo o mercado não cobre. E que considera que são serviços relevantes para a comunidade.

ULISBOA É isso que tem pautado os seus programas.

PMP Confesso que não me vejo com perfil de missionária, faltam-me várias características. No entanto, acho que aquilo em que sou mais competente e as áreas com que tenho mais afinidade são aquelas coincidentemente em que os canais de televisão privados menos investem e que são importantes para a comunidade. São aqueles programas de televisão em que se pode tomar conhecimento do conhecimento, em que se pode dar voz a quem pensa. São programas que produzem conhecimento seja em que tema for. Isso sempre me interessou. Mas não me vejo como educadora. Vejo-me como alguém que continua fascinada com as boas produções humanas. Seja um belo projeto de arquitetura, seja um bom livro sobre a história de Cabo Verde. É isso que continuo a querer partilhar. Como quem sugere um bom restaurante ou um bom filme. Não tem a ver com o querer educar, nem com a convicção de que toda a gente tem de saber das áreas que comunico. É a alegria da partilha que me move.

ULISBOA Quem é que gostaria de entrevistar que ainda não entrevistou?

PMP Já entrevistei toda a gente. *[Risos]* Claro que estou a exagerar. Mas uma das coisas que já me maçava era entrevistar as mesmas pessoas várias vezes. Às tantas já estava a fazer diferentes rondas de entrevistas com os mesmos escritores ou cineastas. Os autores não nascem das pedras.

ULISBOA Também já entrevistou muito professores.

PMP Muitos dos meus entrevistados, desde há muitos anos, são professores universitários. Mas fico muitas vezes espantada com a falta de clareza na exposição dos temas. Temos de falar de uma maneira que toda a gente compreenda. Isto não significa baixar o nível do discurso, significa trabalho, significa tradução. As ideias complexas precisam de ser traduzidas de modo a que pessoas não iniciadas na matéria as possam compreender. Fico muitas vezes a pensar: «Será que todos os alunos acompanham o discurso deste professor?» Muitas vezes não existe a noção de que a maioria dos alunos não está dentro da bolha deles. Tenho muita pena que isto aconteça. É um desperdício. Muita gente deixa de ser tocada por este professor porque não compreende o que ele diz. Este professor não tem a generosidade de se dar ao trabalho de traduzir o que quer dizer. E confundir este esforço de tradução com exigência é um erro porque a exigência deve estar nos conteúdos e não na forma de comunicar. Se não se estende a mão com um discurso inteligível não vale a pena. Há uma ínfima minoria que vai conseguir acompanhar, que normalmente são os mais privilegiados, que cresceram com livros em casa e com pais leitores. Já um professor que consiga comunicar bem pode mudar vidas.

ULISBOA Quem gostou mais de entrevistar?

PMP Gosto de entrevistar pessoas mais velhas porque são livres. E inconvenientes. É maravilhoso! Dizem verdadeiramente o que querem. E não estão preocupados com o que os pares vão achar. Quando se chega a velha há uma coisa ótima, talvez a melhor coisa: a liberdade.

ULISBOA O que mais a inquieta neste momento?

PMP A ignorância inquieta-me. A grande maioria não sabe que não pensa. Não tem a consciência do quão condicionada está. A grande maioria sempre foi assim. O problema é que hoje há instrumentos de controlo das pessoas que antes não existiam e instrumentos de manipulação que também não existiam. E isto torna tudo muitíssimo mais perigoso. Inquieta-me que as pessoas não saibam que não sabem. •



ALEXANDRA ASSIS ROSA LÊ A LEITORA INCOMUM

Assim começa *A Leitora Incomum*, de Alan Bennett: «Agora que tenho a sua companhia... gostaria muito que me falasse do escritor Jean Genet.»

A pergunta é feita pela Rainha de Inglaterra ao Presidente da República Francesa, num cortejo que se encaminha lenta e penosamente para o Salão Waterloo, em Windsor. Gargalhada do leitor e prenúncio funesto da atrapalhada do Presidente, a quem a sua ministra da Cultura não pode valer, entretida que está em conversa com o arcebispo de Cantuária. Constará do menu do banquete de Estado *Beef Wellington*?

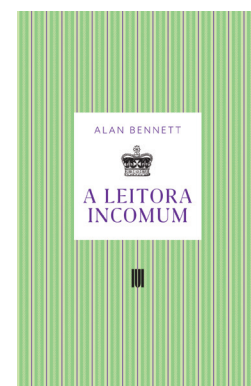
A culpa fora dos cães, que haviam encaminhado Sua Majestade até à carrinha da biblioteca itinerante de Westminster, estacionada junto aos caixotes do lixo das cozinhas de Windsor. Aí ficara a conhecer Norman, ajudante de cozinha e seu único utente. A partir desse momento promovido a pajem amanuense, assistente literário, ou melhor, a insuspeitado Pigmalião, é Norman que conduz a Rainha num percurso de descoberta do gosto de ler. Entre gargalhadas (da Rainha e do leitor), o singular itinerário de leituras começa, por acaso, com um nome bem conhecido de Sua Majestade, Dame Ivy Compton-

-Burnett, OBE. Seguem-se-lhe Nancy Mitford (evitando más experiências para uma leitora incipiente, como uma obra inicial de George Eliot ou uma tardia de Henry James, comenta o narrador...), J.R. Ackerley, Anita Brookner (em volume farejado pelos cães piteiros, confiscado pela segurança e provavelmente feito explodir...), e muitos mais.

Conquistada pelas «delícias de ler por gosto» (19), a Rainha inicia-se na arte de aldrabar, dizendo-se engripada, deixa-se ficar a ler toda a manhã, adia reuniões, esconde livros por trás de um coxim, especializa-se em ler às escondidas, por exemplo, enquanto acena duas horas seguidas a percorrer o Mall de coche a caminho da cerimónia de abertura do Parlamento. Esta leitora incomum pensa, e convida o leitor a pensar também, «[o]utra coisa que estava a descobrir era que um livro levava a outro: novas portas se abriam para onde quer que se virasse e os dias não eram suficientemente longos para ler tudo o que queria» (17); «Os livros não são um passatempo. São outras vidas. Outros mundos» (26).

Assim começou também a coleção da Imprensa da Universidade de Lisboa, com uma cuidada retradução de José Gabriel Flores, revista por Helder Guégués, sob a coordenação de António Feijó. •

IU
IMPRENSA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA



A LEITORA INCOMUM

Alan Bennett

Tradução:

José Gabriel Flores
ISBN: 978-989-8928-03-0

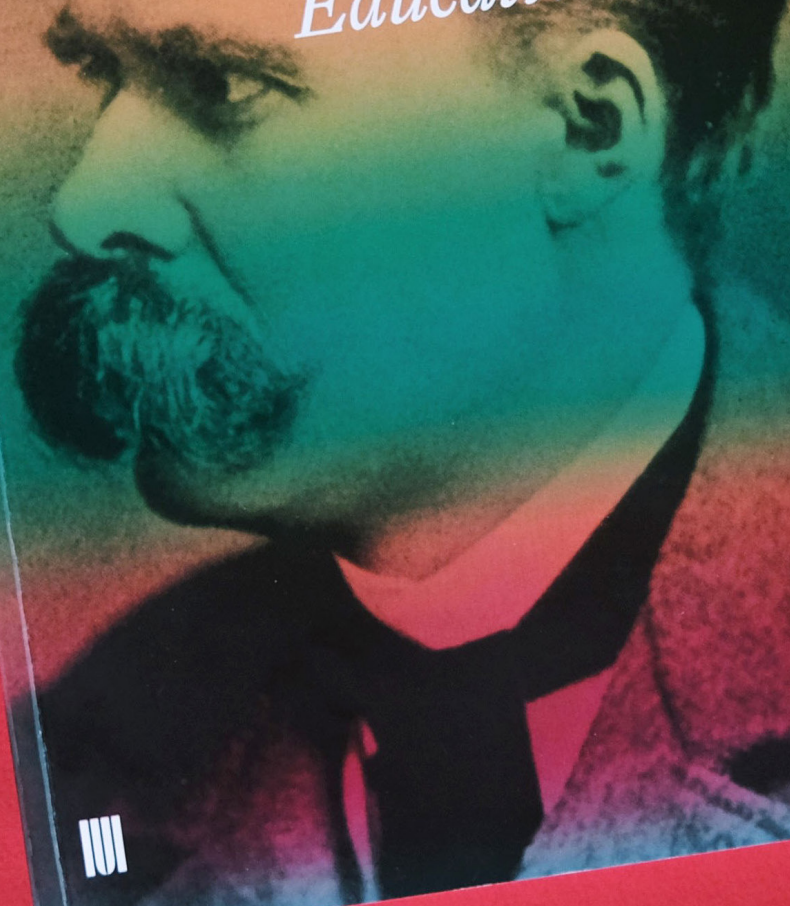
Outubro de 2020

PVP: 14,90 €

116 páginas

Friedrich
NIETZSCHE

*Sobre o Futuro
das Nossas Instituições
Educativas*



IMPRESA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA



